



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

Ana Paula Padrão além das bancadas dos telejornais: Resenha de obra autobiográfica

PADRÃO, Ana Paula. **O amor chegou tarde em minha vida**. Paralela, 2014.

Resenhado por Priscila da Silva Nascimento¹

O livro *O amor chegou tarde em minha vida*, escrito pela jornalista brasileira Ana Paula de Vasconcelos Padrão e publicado em 2014 pela editora Paralela, consiste em um compilado de relatos tanto de sua vida pessoal e profissional que servem como pano de fundo para discorrer acerca de questões recorrentes – como a própria autora diz em uma conversa² com a Saraiva Conteúdo durante o lançamento de sua obra – com as quais espera que seus leitores possam se identificar. Quanto aos assuntos abordados – que vão desde amor-próprio às experiências como jornalista e saída de grandes emissoras – há sempre reflexões voltadas sobre questões que as mulheres contemporâneas passam, sejam de dores, inseguranças e dificuldades nos diferentes âmbitos do mercado de trabalho.

A autora, além de reconhecida pela sua passagem na televisão durante vinte e sete anos como jornalista nas principais emissoras brasileiras como Globo, SBT e Record, também já atuou como roteirista, repórter e, atualmente, como apresentadora do *MasterChef Brasil* – um *talent show* de culinária exibido pela Rede Bandeirantes - e empresária. Neste último cargo, Ana destaca-se pela sua plataforma *online* de cursos voltado ao público feminino, cujos assuntos afins deste são bastante pertinentes em sua obra, o que faz despertar o interesse desse grupo pela leitura, como também pode ser indicada para quem tiver interesse na carreira e na história pessoal de Ana Paula Padrão, ganhadora de mais de quatorze prêmios na área de comunicação e jornalismo, cujo a capa de seu livro pode ser vista na imagem a seguir:

1 Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará.

2 Material disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dXBgPkunicc>

Figura 1: Capa e título do livro de Ana Paula Padrão.



Fonte: Saraiva

A capa do livro é bastante sugestiva e característica ao gênero biográfico; uma fotografia despojada do semblante da autora que, junto à escolha do aspecto visual de cores escuras ao redor, gera um foco na jornalista. Com esse efeito, transmite-se, de certa forma, o que se encontra no teor da obra; Ana Paula Padrão sob uma abordagem intimista, pessoal, realista e, principalmente, feminino da profissional, contrastando com a formalidade com que costuma aparecer há décadas nos telejornais. Já o título *O amor chegou tarde em minha vida*, a jornalista atribui ao fato de que, segundo ela, demorou a aprender a ter amor por si própria e, secundariamente, por ter demorado a encontrar um cônjuge, fatos abordados no último capítulo da obra.

Para além dos relatos pessoais de Ana Paula, a obra ainda agrega depoimentos de mulheres de variadas profissões que também passaram pela ‘transição’ dos anos oitenta; marcados por uma maior presença feminina no mercado de trabalho. Segundo a jornalista, nessa mudança houve um certo conflito na conquista de espaço – de forma que muitas mulheres se masculinizavam para que essa entrada e aceitação ocorresse na época – fatos estes que fizeram com que as mulheres perdessem parte de sua feminilidade em vários aspectos, dos quais a autora reflete e discorre sobre.

O livro – que não conta com uma sucessão cronológica de fatos – é contemplado com algumas fotografias e com arquivos pessoais da biografada que enriquece a leitura e o imaginário do leitor ao fornecer tais recursos visuais ao decorrer dos seis capítulos. No geral, a obra se distribui nos seguintes tópicos: “ 1. *Estranha tranquilidade*, 2. *Uma janela para a vida*, 3. *Muito além de Brasília*, 4. *O amor no gelo e outras viagens*, 5. *Vamos falar honestamente?*, 6. *O amor chegou tarde em minha vida*”, tendo por fim um posfácio intitulado “*Nós, as mulheres do mundo*”.

A autora introduz o primeiro capítulo descrevendo o dia em que, no ano de 2005, pediu demissão de um dos cargos mais cobiçados do jornalismo brasileiro; o de âncora do renomado Jornal da Globo, que apresentara por cinco anos, tendo trabalhado ao todo dezoito anos na mesma emissora. Ana Paula diz que sua decisão não era apenas de mudar de trabalho, mas um gesto consciente de mudar de vida ao ir em busca da felicidade e da mulher que queria se tornar, além do fato de que não conseguia ter filho – chegara a sofrer um aborto – faltava tempo para o marido e para a vida particular, conforme diz Padrão no trecho:

Não há nada de errado em dedicar-se à carreira e à empresa onde se trabalha. Mas a vida não é só isso. A minha era. Eu não tinha lazer e portanto não tinha amigos do lazer. Não praticava nenhum esporte. Não ia a bares. Não tinha nenhuma atividade que não estivesse relacionada ao meu trabalho [...]. Passei a me questionar. Como continuar uma carreira bem-sucedida longe de um trabalho que me entristecia? (PADRÃO, 2014, p. 12 e 13)

Brasiliense, filha de uma radialista, Ana Paula segue dizendo que ouviu o conselho da mãe sobre ser uma mulher que não depende financeiramente do marido, ao refletir sobre o fato de que as profissionais de sua época tinham de parecer masculinas para serem respeitadas no ramo, complementando sua fala com uma frase factual: “ O pilar fundamental do feminismo – mulheres iguais aos homens - ruiu faz tempo. Não somos como eles. Não queremos ser como eles”.

A autora ainda relata que, além de professora de balé aos quinze anos, sua primeira experiência profissional foi como estagiária na Rádio Nacional de Brasília, quando não cogitava a ideia de seguir carreira na televisão. Porém, recém formada em jornalismo na Universidade de Brasília em 1986, a opção que lhe aparecia disponível era justamente na Tv Brasília - retransmissora da extinta Tv Manchete – sendo chamada em abril de 1987 pela Globo para fazer parte da equipe de reportagem local.

Ainda no primeiro capítulo, Padrão expõe um momento memorável de suas reportagens; em uma eventual viagem à Brasília, conseguiu quinze minutos de entrevista na agenda de Dilma Rousseff – a então Ministra das Minas e Energia da época. A expectativa era de um bate papo rápido sobre a mudança no comportamento das mulheres e suas consequências, porém, para a surpresa da Ana, a conversa fluiu por mais de uma hora, sobre a qual a entrevistadora destaca na página 14 do livro um trecho da reflexão de quem viria a ser a presidente do Brasil anos mais tarde:

O direito dela [mulher] de trabalhar, de ter sua vida [...] veio deixando uma parte muito incompleta, que é a parte pessoal. Agora, tem que ter coragem para saber que sem família, sem filho, sem um companheiro, a vida fica meio pobre. Não acho que a gente precisa ter a soberba de achar que nós nos bastamos [...]. ROUSSEFF

A brasileira menciona que, durante seu processo de saída da Globo por querer mudar de emprego devido sua insatisfação com a rotina que lhe tomava a vida pessoal, Silvio Santos – dono do SBT que já havia lhe lançado muitas propostas - ligara para a jornalista. Com uma proposta inovadora de repaginar totalmente a seção de jornalismo de sua emissora, o empresário conseguiu admitir a cobiçada Ana Paula Padrão.

O segundo capítulo da obra começa relatando a estranha realidade que os primeiros habitantes de Brasília tinham na época; poucos prédios rodeados de imensos e vazios terrenos de areia vermelha com canteiros de obras – visto que a jornalista nasceu quando a cidade tinha apenas

cinco anos de inauguração. Ambos mineiros, os pais da autora – cujo a mãe era radialista e o pai era advogado – foram para a capital planejada em busca de novas oportunidades, onde se conheceram e logo casaram-se.

Ana Paula prossegue fazendo menção à sua juventude como professora de balé; prática esta que lhe perpetuou postura e delicadeza corporal por muitos anos – apesar do gosto ‘masculinizado herdado do pai’ de se divertir dirigindo em alta velocidade na adolescência. A autora ainda diz que, devido seu tom pálido de pele e falta de afinidade com “coisas de mocinha”, aderiu ao estilo *dark* que abandonou apenas quando entrou na televisão; roupas pretas, músicas melancólicas e maquiagem escura, como vê-se na imagem abaixo.

Figura 2: Ana Paula no estilo *dark* com as ombreiras que indicavam a masculinização da mulher nos anos 1980.



Fonte: Imagem contida no livro. Fotografia por: Graça Seligma.

A jornalista revela que nunca planejou o sucesso profissional que obteve, complementando ao dizer que acredita que sucesso é um ponto de vista e não sinônimo de retorno de dinheiro e fama no que se faz. Padrão também expõe que, sempre que conta aos estudantes de comunicação sua história dos tempos de estágio – onde começou fazendo um programa de rádio voltado aos agricultores – sobre ter que começar em se aprofundar em assuntos não tão interessantes como o preço do tomate ou o valor do gado, percebe dos discentes um ar de decepção. Com isto, Ana Paula indica que um de seus atributos que a fizeram chegar onde chegou foi o de, ao optar pelo jornalismo, inicialmente não recusar nada que lhe aparecesse, conforme diz no trecho:

Minha preocupação era aprender. Fosse o que fosse. Mal prestava atenção ao que outros estagiários estavam fazendo. Minha energia estava totalmente voltada para o que eu mesma podia fazer, absorvendo o máximo possível do que aqueles jornalistas mais experientes pudessem me ensinar. Mais tarde, isso foi muito útil. (PADRÃO, 2014, pagina 38)

Ao fim deste capítulo, Ana Paula Padrão reflete sobre a questão da presença feminina nas corporações e seu tratamento diferenciado – preferência em contratar homem, salário menor que este, feminilidade, licença maternidade e afins. Como resultado, a autora expõe em forma de

depoimentos, gráficos e porcentagens as conclusões que obteve em suas pesquisas sobre mulheres ao longo dos últimos anos de sua carreira – tanto como jornalista como de palestrante produtora de cursos voltados ao público feminino.

O capítulo três do livro – o mais breve da obra – inicia-se com a narrativa da brasileira sobre ter se mudado para Londres em 1998, enviada pela Globo para trabalhar como correspondente internacional no escritório da emissora. Entre as dificuldades que teve, Ana Paula relata a de se habituar ao sotaque britânico, de encontrar um local para morar – passou seis meses em busca da casa ideal – assim como descreve o incômodo que o frio inglês lhe causou enquanto cobria ao vivo o mandado de prisão de um importante político da época, durante mais de sete horas ininterruptas: teve dois dedos congelados e a circulação de seus pés interrompida, tudo pela cobertura da matéria.

A autora confidencia que o tempo que passou em Londres – por conta do trabalho, das viagens, do relacionamento à distância com a família e, principalmente da rotina solitária de morar sozinha – a fez mudar. Padrão conta, de maneira bastante intimista e carregada de emoção, que foi nesse período que desenvolveu um relacionamento mais íntimo com o pai – as conversas eram apenas por e-mail e cheias de sinceridades e admirações mútuas nunca ditas antes, sobre a qual Ana reflete sobre como algumas pessoas se expressam melhor escrevendo do que falando. Além disso, com a experiência de morar na Inglaterra como um todo, a brasileira também confessa que passou a conhecer mais de si como indivíduo, profissional e – principalmente – como mulher, conforme é dito no trecho a seguir:

Durante aquele ano fiz muitas viagens. Para dentro e para fora de mim. Conheci lugares. Revi lugares [...] Hoje gosto de mim e das minhas pequenas cicatrizes. Sei que esse processo começou em Londres. Sei que não teria feito o que fiz, que não teria tomado as decisões que tomei, que não poderia trabalhar com mulheres se não tivesse me conhecido melhor na solidão daquele ano em que me botei à prova. A mulher dos anos 1980 foi ficando menos embrutecida. E meu pai teve papel central nesse amadurecimento [...] naquela comunicação virtual transoceânica. (PADRÃO, 2014, página 56)

O quarto capítulo segue a ordem do anterior; a autora deixa Londres para se mudar para um dos maiores escritórios da Globo: Nova York. Diferente da impressão que teve no país anterior, a autora logo se apegou ao novo ambiente – a começar pelo clima caloroso daquela temporada – e logo foi chamada para cobrir sua primeira matéria; no Alasca. Entre tantos trabalhos, este – em que foi e mostrar a realidade no frio ao contar a história de uma brasileira que deixou a vida no Rio para se casar com um esquimó – marcou Ana Paula.

Nessa matéria, Padrão teve experiências que bateram de frente com o seu “eu” como comer carne de baleia – da qual ela repudiou, mas demonstrou apreço perante os nativos – e assimilar a

ideia de que uma mulher deixou o Brasil para morar no gelo por causa de um amor. Sobre esses conflitos que o jornalismo gerou na pessoa e na profissional, Ana Paula diz:

Precisei ir a um dos extremos do mundo para apreciar a beleza de abrir mão de suas referências pelas do outro [...] Quando viajo, no entanto, sempre incorporo a lição de pensar como o outro. Tudo que sei de mim fica em casa e me delicio na função de ser o outro. O equilíbrio é que é difícil. Ser o outro por tempo integral exige entrega em tempo integral. (PADRÃO, 2014, página 61)

A autora prossegue relatando a primeira vez em que se deixou emocionar com uma reportagem que cobria; enquanto abordava os desabrigados sobreviventes de guerras em Kosovo em 1999, especialmente quando viu um menino brincar em meio ao caos da situação. Acerca desta experiência, a jornalista também expõe as dificuldades que ela e sua equipe enfrentaram no país em crise pós-guerra – hotel alagado e fétido, falta de energia e água, filas imensas para conseguir comprar alimentos, água e suprimentos básicos, além de terem seu carro alvejado por soldados de tropas sérvias quando estavam em busca de matéria em um local desértico – tudo em prol do jornalismo.

Figura 3: Ana Paula [de branco] e sua equipe escondendo-se com soldados sérvios em uma casa destruída pela guerra de 1998 em Kosovo.



Fonte: Arquivo Pessoal de Sérgio Gilz (foto contida no livro).

Quanto às matérias que marcaram sua trajetória, para finalizar o capítulo quatro, Ana Paula também menciona sua viagem ao Afeganistão – meses depois de cobrir a destruição de Kosovo. Segundo Padrão, seu trabalho no país islã – em que sua equipe teve de se passar por agentes da ONU, gravar com câmeras escondidas, dentre outros sérios riscos – foi o melhor de sua carreira de até então quatorze anos; foi onde se tornou uma “jornalista completa”. Dentre os motivos para isso,

a autora relata que foi um trabalho muito ousado e bem planejado, tinha uma boa equipe, além de que estava mais madura como profissional.

Já o quinto capítulo – o penúltimo da obra – principia com o relato da experiência da jornalista em palestrar para mulheres acerca de assuntos que envolvem feminilidade com vida profissional e sentimental, fazendo referência à sua empresa de cursos voltados ao público feminino empreendedor. Em seguida, Ana Paula conta como nasceu sua empresa de agência de conteúdo denominada Touareg; criada em 2007 e teve como primeiro cliente o SBT para o qual produziu mais 52 programas televisivos – a empresa “Tempo de Mulher” só viria anos mais tarde.

Padrão diz ainda que, quando acabou seu contrato de quatro anos com o SBT como jornalista, tinha desejo de experimentar adentrar outras áreas – como a do empreendedorismo – mas que recebia de diversas emissoras apenas propostas de apresentar telejornais. Com isso, a autora reflete sobre a questão de como os outros a enxergavam profissionalmente, citando também que, logo após se formar na universidade, tentou ingressar na Rede Bandeirantes para jornalismo televisivo, mas acabou sendo recusada pela emissora, além de que lhe aconselharam seguramente a desistir de Tv e de que jamais serviria para trabalhar ante às câmeras, o que não lhe abalou, já que Ana Paula nunca havia planejado seguir carreira de repórter – sendo chamada para esta profissão na Globo, pouco tempo depois de ter sido rejeitada pela Band.

Ao findar do contrato com o SBT, Ana Paula Padrão fechou acordo de quatro anos com a Record em 2009 para ser apresentadora do principal telejornal da emissora; com isso esperava cobrir assuntos que possibilitassem um contato mais próximo com classes mais baixas e também conseguir fazer pesquisas para estudar as mulheres do Brasil – e de fato conseguiu. A autora também discorre sobre o fato de que estar sempre ‘na mídia’ todos os dias faz com que o telespectador crie uma imagem irreal e alimente uma expectativa de perfeição sobre o jornalista, usando como ilustração a gafe que cometeu em 2012 durante os jogos olímpicos de Londres quando, ao apresentar o Jornal da Record, trocou o nome por ‘Jornal da Globo’, sendo rapidamente repercutido por toda a internet na época.

O sexto e último capítulo – que leva o mesmo título que o da obra – destaca-se dos demais por iniciar com o relato da autora sobre o dia em que conheceu Walter, seu esposo, em um almoço marcado com economistas para discutir sobre assuntos afins para uma futura matéria. Ana Paula, além de revelar superficialmente que já havia sido casada antes, reflete sobre a dificuldade dos homens em se relacionar com uma mulher mais influente ou mais conhecida socialmente, assim como diz que seu marido economista teve de se preparar psicologicamente para deixar de ser conhecido como ‘Walter Mundell’ para passar a ser ‘o esposo da Ana Paula Padrão’.

Ainda sobre o comportamento da mulher no mercado de trabalho, a brasileira reflete sobre um pensamento típico feminino que ela mesma chama de “síndrome da impostora”, que seria o ato de justificar um trabalho bem feito ou um reconhecimento merecido por esforço próprio da mulher, sendo que esta atribui o mérito a outros fatores que não à ela mesma, como diz a autora:

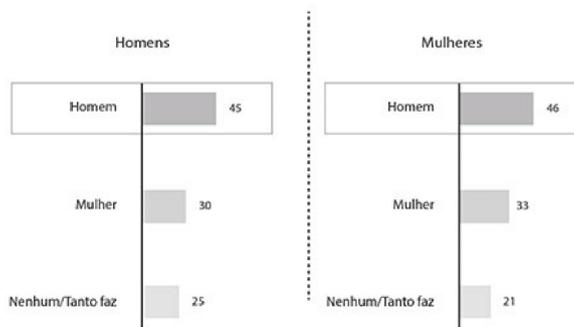
Ganhou uma promoção? Um aumento de salário? "Ah, é porque eles gostam de mim...", ou "Eu dei muita sorte mesmo." O merecimento raramente é uma alternativa real para o crédito alcançado. Tendemos a justificar nosso sucesso pela benevolência de alguém, pela configuração dos astros no céu naquele momento. Qualquer razão absurda tende a ser mais verdadeira para nós mulheres, do que nosso talento, nossa dedicação, nosso empenho, nossa competência (PADRÃO, 2014, p.194)

No final do último capítulo do livro, Ana Paula se dedica a contar, romanticamente, seu envolvimento no processo de aceitar sair com Walter; de se deixar envolver – já que era uma melhor fechada e descrente no amor romântico – até ao ponto de se casar com o economista em apenas 125 dias depois do primeiro encontro³. Em seguida, Padrão conclui sendo vulnerável ao expor seus sentimentos pessoais e impressões sobre amor de forma geral, finalizando ao dizer que para ser feliz e capaz de amar qualquer coisa ou pessoa, é preciso primeiro amar a si mesma – o que a autora demorou a aprender – conforme diz a jornalista: “ O amor chegou tarde em minha vida”.

Ao fim dos capítulos, o livro destaca-se por um posfácio que intitula-se *nós, as mulheres do mundo*, que consiste em um panorama geral da autora sobre as diferentes formas com que as mulheres são tratadas nas culturas em que ela mesma esteve imersa ao redor do mundo como jornalista ou apenas a passeio. Desde aos direitos restritos de estudar e de trabalhar da mulher em países como o Afeganistão ao privilégio das mulheres na poliandria da Índia, Ana Paula reflete sobre ao dizer que sua obra ‘está longe de ser um manifesto feminista’, mas que defende a equidade de gênero. Além disso, o apêndice segue com gráficos e dados de pesquisa sobre a inserção da brasileira no mercado de trabalho, finalizando com um discurso esperançoso de Ana Paula Padrão sobre um Brasil em que as mulheres sejam mais valorizadas por serem quem são; sem precisarem de masculinização ou de deixar os traços característicos à feminilidade para que isso ocorra. Quanto às pesquisas feitas pela plataforma Tempo de Mulher, tem-se um exemplo a seguir:

3 A biografia de Ana Paula Padrão foi publicada no ano de 2014. Em 2015, a jornalista anunciou o divórcio com Walter Mudell. O fim da relação de 12 anos com o economista foi confirmada no facebook de Ana. Fonte de informação: Veja São Paulo. disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/terrace-paulistano/ana-paula-padrão-anuncia-fim-de-casamento-em-rede-social/>

Se pudesse escolher ter um chefe homem ou mulher?



FONTE: Instituto Data Popular para Tempo de Mulher, 2013.

Figura 4: Exemplo de dados obtidos na pesquisa da Tempo de Mulher usados para elaborar palestras e cursos para o público feminino. Fonte: Imagem contida no livro

Por ser predominantemente autobiográfico, *o amor chegou tarde em minha vida*, acaba proporcionando uma leitura ágil e interessante – já que a vida da biografada se contrapõe a monotonias – ao passo que provoca um certo desnorteamento do leitor devido a obra não seguir uma ordem cronológica nos fatos narrados. Embora seja de autoria de uma jornalista, o livro quebra uma expectativa quanto ao tecnicismo de linguagem assemelhando-se, às vezes, a uma obra romântica fictícia devido o estilo de escrita adotado.

Pelo fato de o registro da vida pessoal de Ana Paula Padrão se dar veementemente sob o ponto de vista da questão das mulheres no mercado de trabalho, o livro é aconselhável ao público feminino ou a pesquisadores da área, assim como pode se tornar cansativo pelo mesmo motivo para desinteressados no assunto. Por fim, apesar dos deslizos e imprecisões supracitados, a obra pode servir de grande apreço também para quem deseja inspiração para as carreiras de repórter, de jornalismo televisivo/internacional/de guerra – ainda que as explanações contidas na obra sobre as temáticas não sejam explorados a fundo sob a ótica do jornalismo e sim sob a veracidade dos relatos pessoais da reconhecida profissional nesses ramos.

REFERÊNCIAS

PADRÃO, Ana Paula. **O amor chegou tarde em minha vida**. Paralela, 2014.

Saraiva. **Ana Paula Padrão fala sobre seu livro 'O amor chegou tarde em minha vida'**. Youtube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dXBgPkunicc>

Companhia das Letras. **Booktrailer: o amor chegou tarde em minha vida**. Youtube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gja2Gg2kdEY>

Portal dos Jornalistas. Ana Paula Padrão. Conteúdo escrito em 2015. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/ana-paula-padrao/>